

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1982

Jacques DASSIÉ, *Manuel d'Archeologie Aérienne*, Paris, Edições TECNIP, 1978, 1 vol., 350 págs. ilustrado.

Notando desde logo que o termo *Arqueologia Aérea*, criado e utilizado pela primeira vez por R. Chevalier, abrange duas técnicas diferentes quanto aos meios utilizados — a cobertura vertical estereoscópica e a fotografia oblíqua a baixa altitude — J. Dassié adianta-nos a sua própria definição: método de prospecção utilizando os meios aeronáuticos e fotográficos para a detecção e registo de sítios presumivelmente arqueológicos (p. 10).

Longe do estilo compacto, pesado e confuso comum de muitos manuais, esta obra de J. Dassié é de leitura agradável, extremamente ilustrada, «recomendando-se pela sua precisão, clareza, minúcia, vontade de compreender e explicar» (R. Chevalier, *Prefácio*). Estas certamente algumas das razões pelas quais, desde a primeira página, o leitor se sente ao lado do autor, como que observando-lhe todos os movimentos, imitando-lhe os gestos, seguindo-lhe os raciocínios. Não faltam aqui chamadas de atenção para pequenos pormenores, esquecimentos banais que se revelariam inadmissíveis durante o voo, pequenas falhas em que o discípulo parece estar constantemente prestes a cair. Nada aqui foi esquecido, desde o momento em que se começa a desejar obter a fotografia oblíqua de determinado local, até à confiança final dos resultados sobre o terreno, passando pelas inúmeras considerações respeitantes ao voo, ao modo de obtenção das fotografias e ao tratamento exaustivo dos resultados obtidos.

Condensando tudo o que os autores anteriores haviam já dito sobre este tipo de fotografia, J. Dassié expõe-nos ao longo de todo o *Manuel d'Archéologie Aérienne*, os caminhos por ele próprio percorridos, não só os que inicialmente lhe terão provocado contratempos mas, fundamentalmente, os que se coroam de êxito e que recomenda, minuciosamente, ao leitor.

Estamos certos de que este Manual preencherá as três funções almejadas pelo autor — informação, incitação e iniciação — cativando o leitor a prosseguir o caminho já sulcado, passo a passo, etapa por etapa. Contudo, se um arqueólogo, já motivado pelos resultados indiscutíveis fornecidos pela fotografia aérea, procurar neste Manual as bases fundamentais para poder manusear e interpretar as coberturas mais acessíveis a todos as fotografias verticais de escala 1/25 000 ou 1/15 000 — sentir-se-á desiludido. Efectivamente, J. Dassié limita-se ao estudo «metódico e altamente científico» da fotografia oblíqua a baixa altitude, e embora referindo que os dois tipos de fotografia não são antagónicos, mas complementares, omite as numerosas potencialidades da fotografia vertical na prospecção arqueológica. Não devemos esquecer-nos que tal tipo de fotografia, cobrindo qualquer ponto do País, é facilmente acessível; dado o grande número de cópias existentes em vários organismos, não terá o investigador necessariamente que as comprar. Mesmo a aquisição de um estereoscópio (de bolso) é relativamente barata.

A escala a utilizar depende dos fins em vista. Uma escala aproximada de 1/25 000 será suficiente para detectar o traçado de uma via romana ou a

quadrícula geral de uma centurição. Vestígios de construções ou de fossas serão detectados em escalas maiores, sendo os resultados satisfatórios a 1/6 000 (BRADFORD, *Ancient Landscapes*, 1957, p. 58).

Os índices estruturais ou anomalias topográficas saltam à vista nas fotografias verticais: trata-se de vestígios sobressaindo nas linhas actuais da organização da paisagem, e que, por vezes, estão registados nas cartas, principalmente na disposição do parcelamento, o maior conservatório das formas arqueológicas. Uma mesma estrutura pode sofrer metamorfoses variadas: de um reduto proto-histórico ficou-nos um caminho, um fosso, mais além uma sebe. Dar-se-á particular atenção aos bosques geométricos isolados, pois podem recobrir ruínas (R. Chevalier, *Archéologie Aérienne*, in *Manuel de Photo-Interpretation*, Paris, 1970, p. 107).

A fotografia oblíqua a baixa altitude permite, contudo, melhores e mais espectaculares resultados, embora sejam de ter em conta as suas numerosas limitações. Desastroso seria que um leitor entusiasmado pela leitura deste Manual procurasse inferir de uma cobertura vertical os impressionantes vestígios copiosamente ilustrados na obra de J. Dassié! Do mesmo modo, algumas das informações fornecidas pelas verticais são impossíveis de captar nas oblíquas.

Baseada esta obra numa experiência e realidades francesas, devemos ter também presente que o autor reúne em si o piloto, o fotógrafo e o prospector. Para a obtenção da fotografia oblíqua a baixa altitude está pois pressuposta, perante uma realidade diferente, a existência relativamente próxima de aero-clubes com aviões em condições de voar; um piloto disposto a aceitar toda uma série de condições desde a velocidade à rota, da altura de voo às manobras, apenas a troco do combustível pago pelo interessado, não referindo já a aparelhagem fotográfica, mesmo de «amador», hoje a preços proibitivos.

Uma análise da cobertura vertical — que caberia perfeitamente num dos primeiros capítulos — feita com a mesma minúcia que o autor dedica à fotografia oblíqua, permitiria a muitos investigadores o aproveitamento de todo um manancial disponível ainda sumária ou incorrectamente utilizado na prospecção arqueológica. Contudo, esta obra, como primeiro Manual da Arqueologia Aérea, assente em bases sérias e científicas e preenchendo uma das lacunas desde há muito sentidas, ultrapassa as fronteiras da França, e estamos certos, os professores não deixarão de recomendá-lo aos seus alunos, assim como ilustrarão as aulas com várias das suas excelentes fotogravuras. A obra termina com uma extensa e pertinente bibliografia que permitirá ao leitor aprofundar os seus conhecimentos no tema tratado.

NUNES MONTEIRO